UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - PPGP

VITÓRIA DA CRUZ CARDOSO

RESTOS DA VIOLÊNCIA COLONIAL: EMERGÊNCIA DO CABELO NEGRO COMO OBJETO *a*

MACEIÓ - AL
2026

VITÓRIA DA CRUZ CARDOSO

RESTOS DA VIOLÊNCIA COLONIAL: EMERGÊNCIA DO CABELO NEGRO COMO OBJETO *a*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Psicologia.

Área de Concentração: Saúde, Clínica e Práticas Psicológicas

Orientador: Prof. Dr. Cleyton Andrade

MACEIÓ-AL

2026

Catalogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

C268r Cardoso, Vitória da Cruz.
Restos da violência colonial : emergência do cabelo negro como objeto a / Vitória da Cruz Cardoso. – 2026.
92 f. : il.

Orientador: Cleyton Andrade.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Maceió, 2026.

Bibliografia: f. 87-92.

1. Violência colonial. 2. Clínica psicanalítica. 3. Cabelo negro. 4. Racismo estrutural. I. Título.

CDU: 159.964.2:316.347

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TERMO DE APROVAÇÃO

VITÓRIA DA CRUZ CARDOSO

Título do Trabalho: ***RESTOS DA VIOLÊNCIA COLONIAL: EMERGÊNCIA DO CABELO CACHEADO COMO OBJETO* A.**

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

gov.br Documento assinado digitalmente
CLEYTON SIDNEY DE ANDRADE
Data: 24/08/2026 10:49:38-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____
Prof. Dr. Cleyton Sidney de Andrade (PPGP/UFAL)

Examinadores:

gov.br Documento assinado digitalmente
FABIO SANTOS BISPO
Data: 24/08/2026 10:57:38-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____
Prof. Dr. Fábio Santos Bispo, PPGPSI/UFES

gov.br Documento assinado digitalmente
OMAR DAVID MORENO CARDENAS
Data: 24/08/2026 12:38:35-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____
Prof. Dr. Omar David Moreno Cárdenas, UFPB

gov.br Documento assinado digitalmente
LASSANA DANFA
Data: 24/08/2026 12:52:23-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____
Prof. Dr. Lassana Danfá (PPGP/UFAL)

Maceió-AL, 26 de junho de 2026.

dedico este trabalho àquelas negras anônimas,

estas que com seu gingado e sabedoria,

fez e faz a estrutura

ruir

AGRADECIMENTOS

Ao longo desses dois anos de mestrado me dei conta do quanto é fundamental fortalecer os laços afetivos e estar disposto a novos vínculos. O caminho da pesquisa, por vezes, se apresenta como solitário, conflitante e confuso, ainda mais quando se é estrangeiro em um território geográfico. Como foi, e é, difícil aventurar-se em um novo estado, uma nova cidade, um novo bairro, mas como me encantou a sereia alagoana. Foi nesses deslocamentos territoriais e nos caminhos desconhecidos que a pesquisa me colocou que percebi o quanto é indispensável ter com quem contar. Por isso, deixo esses agradecimentos aos que se mantiveram perto, mesmo com a distância física, e às novas amizades que Maceió me presenteou.

Agradeço, em primeiro lugar, a minha família. Aos meus pais, Vilma e Cícero, que, mesmo com pouco acesso à educação formal e com dificuldades financeiras, sempre apostaram na educação. Sem dúvidas, as minhas escolhas pelos livros, pelos estudos e pelo conhecimento são atravessadas pela sabedoria que eles me transmitiram nessa trajetória do exercício da maternidade e da paternidade. Agradeço a minha irmã Ceci, que se fez presente e sempre me escuta quando eu preciso. A relação de irmandade é mesmo uma lindeza e inexplicável. Também, agradeço ao meu cunha Iury, que já é parte da família. Que sorte a minha ter essa família que transborda amor e suporte. Amo vocês!

Agradeço às minhas avós, Lourdinha e Raimunda, que sempre me ofereceram muito afeto e cuidado. Muito bom ser a netinha que sempre é recebida com colo amoroso. Agradeço, também, ao meu avô paterno Geraldo (*in memoriam*) por toda a presença e carinho em minha infância. Às minhas tias Joelma, San, Ilma e Silvia que sempre me recebem com muito carinho e gentileza quando retorno para casa. Aos meus tios maternos: Kleyn e tio Bim por todo apoio ao longo da minha vida. Às minhas primas Agatha e Anna Luisa que eu vi nascer, crescer e espero, diante de nossa relação de prima-amigas, conseguir transmitir um pouco da beleza que é ter coragem de se aventurar pela vida.

À Renata Rodrigues, uma grande amiga que a graduação me permitiu ter, que durante esses dois anos de mestrado se fez muito presente e sempre se disponibilizou a escutar as minhas angústias. Que lindeza poder contar com a sua amizade. Como diz Emicida *"Quem tem um amigo tem tudo, se o poço devorar, ele busca no fundo, é tão dez que junto todo stress é miúdo, é um ponto pra escorar quando foi absurdo"*. Obrigada pela amizade, amiga.

À Ana Beatriz (Bia) que, assim como eu, saiu do sertão da paraíba em busca de dar continuidade aos estudos. Nos conhecemos na graduação em psicologia e a identificação com as vivências no sertão nos aproximaram. Embarcamos juntas nessa de fazer mestrado na UFAL e é, sem dúvidas, uma grande amiga, minha rede de apoio na vida e em Maceió. Uma alegria imensa poder contar com a sua amizade e dividir essa experiência de paraibanas sertanejas vivendo no litoral alagoano.

À Thanara Castro, por me escutar e por oferecer um cuidado tão generoso e caloroso. Que não nos falte samba e amor.

Aos amigos queridos que conheci em Maceió: Samuel, Carla, Ryan e Anna Letícia. E as amizades de longa data, especialmente a: Renata Vaz, Bianca Maia, Taisa Gonçalves, Camylla Barreto, Lara Muniz, Gabriel Diniz.

À Isabelle Bessa pela amizade que se sustenta mesmo à distância e sem conversas frequentes, mas quando nos reencontramos percebemos que a amizade continua. Obrigada pelas palavras sobre minha fala na mesa do evento em João Pessoa/PB, foi muito importante me enxergar por meio de suas palavras generosas.

À minha analista Iris França e a sua escuta cuidadosa. Sem esta escuta, talvez, não fosse possível sustentar o desejo de pesquisa. Obrigada!

Ao orientador, Cleyton Andrade pelas orientações e pelas transmissões ao longo desses dois anos de mestrado.

À banca, pela generosidade de aceitar o convite para participar da banca de defesa desta dissertação, é uma alegria poder contar com vocês: ao Omar David Moreno Cárdenas a disponibilidade desde a qualificação para contribuir com essa pesquisa. O encontro com a sua tese tem implicações significativas no caminho que fui construindo para esta pesquisa e toda a sua transmissão tanto pela via da escrita quanto em aulas; ao Lassana Danfá, que tive a alegria de assistir às aulas em uma disciplina do mestrado, muito obrigada pelas contribuições desde o momento de qualificação deste trabalho; ao professor Fábio Bispo, que também esteve presente na banca de qualificação deste trabalho e cujas contribuições foram fundamentais para os rumos que a pesquisa veio a tomar.

Ao grupo de pesquisa do mestrado. Colegas que, ao longo desses quase três anos, compartilharam leituras e trocas fundamentais para que a pesquisa encontrasse seus caminhos — Marina, Melissa e Anna Cutrim. Também, aos colegas que chegaram nesses meus últimos três meses do processo de escrita desta dissertação e alegraram esse final de percurso, Ana Eliza, Karol e Emerson.

Ao Reconstruindo elos e aos colegas desse projeto de extensão. Fui convidada a participar da extensão em um momento difícil do mestrado e ao começar a me integrar ao grupo, reencontrei um dos pontos que me faz vibrar ao exercer a função de psicóloga. Agradeço, também, aos moradores da Residência Terapêutica (casa 10) que me permitiram escutá-los.

Aos professores que, ao longo da minha vida, transmitiram o amor pelo conhecimento. Em minha trajetória, encontrei educadores fundamentais, que contribuíram para que eu me sentisse pertencente ao espaço escolar e acadêmico. Sou imensamente grata por todo o cuidado, apoio e incentivo recebidos. Por isso, agradeço às(aos) professoras(es) que marcaram meu percurso desde o ensino básico, especialmente a: Audecelia, Têmis, Cleonice, Netinha, Sônia, Janice, Glaubia e Marcos. Aos professores que encontrei durante a graduação, com os quais tive a alegria de construir não apenas uma formação acadêmica, mas também laços que se transformaram em amizade, especialmente a: Tiago Iwasawa, Edgley Duarte e Alyne Alvarez. Em muitos momentos, foi o encontro com a figura do(a) professor(a) que me permitiu sustentar as apostas na educação.

Aos professores do PPGP por todo o compartilhamento de conhecimento ao longo desses dois anos de mestrado, especialmente à: Antônio, Telma e Jeferson.

À cena do rap brasileiro e à literatura, pois foi na arte que encontrei respiro nos momentos difíceis... Respiros que somente a arte proporciona.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos que permitiu a realização desta pesquisa e minha permanência em Maceió/AL. Sem o incentivo financeiro, eu não conseguiria bancar o desejo de pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Desculpa, Nati

Aos cinco anos de idade, Nati era vaidosa que só! Gostava de roupa colorida e de inventar moda. Saia longa estampada sob vestido com estampa diferente do básico. Um sapato de cada cor era rotina. Brinco, colar e pulseira todo dia. Olhava no espelho e via a menina linda que era. *Só faltava um detalhe não muito pequeno: um cabelão, pra jogar de um lado para o outro*.

O pai contava que, quando era bebê, com uns dois anos, Nati colocava um pano na cabeça para fingir que era cabelo. Parava na frente do espelho, passava a mão, mexia o pescoço e ria de si mesma. Mas, com o tempo passando, a brincadeira tinha menos graça. *E fazia uma falta danada ter um cabelo que crescesse pra baixo, não para cima*.

'*Cabelo crespo é lindo, minha filha', sempre dizia a mãe.* A menina sorria, não queria magoar a mãe, que ficava mesmo muito bonita com o *cabelo crescendo para cima*. *Mas ela queria porque queria um cabelo escorrendo pra baixo*.

Na escola, a professora era como a mãe. *Mesmo tendo um cabelo liso e bem comprido, vivia dizendo que o cabelo da Nati era lindo*. Mas as amigas eram mais como a menina. *Não gostavam daquele cabelo curto, cheio de molinhas com fios espetados*. Algumas eram gentis e não falavam nada, só *olhavam com pena*. Outras soltavam pequenas maldades, perguntando se Nati não queria ter os fios lisos e compridos como os delas. E tinha as que ainda faziam piada para todo mundo ouvir, apontando o que chamavam de '**cabelo ruim**'.

Nati ficava triste, algumas vezes chorava escondida na casinha do parque. Mas logo ia brincar ou inventar outra moda. Até o dia em que a tia foi refazer a progressiva e perguntou se a menina queria ir junto.

A cabeleireira elogiou o cabelo da menina e logo a tia convidou: 'Quer arrumar seu cabelo igual ao meu, Nati?'. Antes da resposta, a cabeleireira interferiu. Ela não alisava cabelo de criança! Os produtos eram muito fortes, podiam fazer mal, e as meninas deviam aprender a cuidar do cabelo natural e gostar dele. A tia fez cara feia e Nati ficou decepcionada. A cabeleireira propôs então uma hidratação bem boa, para acabar com os arrepiados. O problema é que, depois do creme, era preciso passar chapinha e deixar o cabelo liso até o dia seguinte. Depois de lavar, o cabelo voltaria ao normal.

Creme, pente, puxa, mais creme, pente, puxa. E o tempo não passava. E a cabeça começava a doer. Creme, pente, puxa, mais creme, pente, puxa. Que arrependimento sentia a menina! Creme, pente, puxa, mais creme, pente, puxa. E depois ferro bem quente desde pertinho da cabeça até a ponta. Que dor! 'Ficar bonita dói, Nati', sorriu a tia.

Quando olhou no espelho e viu o cabelo mais comprido, quase no ombro, podendo mexer de um lado pro outro, como sempre fingiu com os panos, Nati sentiu muita alegria. Nem lembrava mais do calor ou da dor. Só queria que ficasse daquele jeito para sempre. A cabeleireira explicou mais uma vez que, depois de lavar, voltariam os cachinhos, com menos frizz. Nati pediu: 'Deixa assim para sempre! Minhas amigas vão adorar e sempre vão querer brincar comigo!'. O sorriso da tia fechou. Ela se abaixou, olhou fundo nos olhos da Nati com os dela cheios de lágrimas e se desculpou.

(Bianca Santana, 2023)

RESUMO

O presente estudo faz articulações entre os efeitos da incidência da violência colonial em território brasileiro e a clínica psicanalítica. Esta pesquisa objetiva analisar o cabelo negro como elemento que marca, de modo simultâneo, tanto a incidência do racismo estrutural quanto a produção de possibilidades de subversão deste. O recurso metodológico desta dissertação é a clínica psicanalítica, por meio do desenvolvimento de uma pesquisa em psicanálise. Nesse sentido, esta é guiada pela experiência clínica da analista-pesquisadora negra e da transferência desta com as produções teórico-clínicas que articulam as implicações da violência racista sobre os corpos negros. Para isso, partimos do que se passou no encontro contingente entre uma mulher negra com uma analista negra em que ocorre a emergência do cabelo cacheado como objeto *a,* isto é, como aquilo que escapa a capturas simbólicas. O cabelo cacheado e crespo, nesse sentido, ganha centralidade, pois apresenta-se como resto que insiste em não se deixar dominar pelo discurso hegemônico, assim, faremos uma discussão sobre este a partir tanto da dimensão coletiva, quanto da singularidade fornecida pela vinheta clínica. É diante do que se passa na singularidade desse encontro que buscaremos compreender se os efeitos produzidos – diante da presença do corpo negro e do cabelo cacheado da analista – são capazes de nos mostrar possibilidades de produção de saídas para o aprisionamento em cadeias significantes marcadas pela violência colonial.

Palavras-chave: violência-colonial; racismo; clínica; cabelo cacheado; objeto *a*.

RESUMEN

El presente estudio articula los efectos de la incidencia de la violencia colonial en territorio brasileño con la clínica psicoanalítica. Esta investigación tiene como objetivo analizar el cabello negro como un elemento que marca, simultáneamente, tanto la incidencia del racismo estructural como la generación de posibilidades para subvertirlo. El recurso metodológico de esta tesis es la clínica psicoanalítica, mediante el desarrollo de una investigación en psicoanálisis. En este sentido, el trabajo se guía por la experiencia clínica de la analista-investigadora negra y por la transferencia de esta con las elaboraciones teórico-clínicas que articulan las implicaciones de la violencia racista sobre los cuerpos negros. Para ello, partimos de lo acontecido en el encuentro contingente entre una mujer negra y una analista negra, donde surge el cabello rizado como objeto *a*; es decir, como aquello que escapa a las capturas simbólicas. Así, el cabello rizado y crespo cobra centralidad, pues se presenta como un resto que insiste en no dejarse dominar por el discurso hegemónico; por consiguiente, abordaremos este elemento tanto desde la dimensión colectiva como desde la singularidad que aporta la viñeta clínica. Es a partir de lo que sucede en la singularidad de dicho encuentro que buscaremos comprender si los efectos producidos —ante la presencia del cuerpo negro y del cabello rizado de la analista— son capaces de mostrarnos posibilidades para generar salidas al aprisionamiento en cadenas significantes marcadas por la violencia colonial.

Palabras clave: violencia colonial; racismo; clínica; cabello rizado; objeto *a*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Esquema do buquê invertido de Bouasse.

Figura 2: Esquema óptico completo de Lacan (1962-1963/2005)

Figura 3: Esquema simplificado - Lacan, 1962-1963/2005

SUMÁRIO

ABERTURA: A ESCREVIVÊNCIA E A VINHETA CLÍNICA QUE ATRAVESSAM A PESQUISA.....12
I. O cabelo cacheado e as escrevivências mobilizadas..... 12
II. Vinheta Clínica: Fazer do traço que escapa invenção: em um tempo em que meu cabelo ainda era assim.....14
INTRODUÇÃO.....15
I. A modo de introduzir: do ato de falar emerge o desejo de pesquisa..... 15
II. Caminhos metodológicos..... 22
CAPÍTULO 1 - EFEITOS DA INCIDÊNCIA DA VIOLÊNCIA COLONIAL: O CABELO CACHEADO E CRESPO NA CULTURA BRASILEIRA.....24
1.1 Notas introdutórias: discurso racista como ferramenta de (re)atualização da violência colonial.....25
1.2 Esquema epidérmico-racial inscrito sobre corpo negro.....31
1.4 Restos da violência colonial: operar com os restos das ficções raciais.....43
CAPÍTULO 2 - IDENTIDADE RACIAL, IDENTIFICAÇÃO, TRAÇO UNÁRIO..... 47
2.1 Identidade racial: entre a negrura e a negritude..... 50
2.2 Identificação: conceito psicanalítico.....56
2.3 Identificação relativa ao traço unário.....64
CAPÍTULO 3 - LEITURA DA VINHETA CLÍNICA: O CABELO CACHEADO COMO OBJETO a.....67
3.1 Em um tempo em que meu cabelo ainda era assim..... 68
3.2 Emergência do cabelo cacheado como objeto a.....75
EM VIAS DE CONCLUSÃO: CABELO CACHEADO COMO RESTO E CAUSA..... 85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....87